

Suicídios, dívidas, catástrofes naturais e ameaças de guerra



A Coreia, o último país dividido, encontra-se num estado de alta tensão militar, e as ameaças de guerra são fonte de medo para todo o povo coreano. Os problemas econômicos da Coreia do Sul, assim como os problemas sociais estruturais, resultaram numa onda de suicídios sem precedentes. Além disso, a falta de medidas eficazes para enfrentar grandes acidentes e catástrofes naturais vem agravando o sentimento de insegurança do povo sul-coreano.

Coalizão dos Cidadãos pela Justiça Econômica, Departamento de Pesquisa de Políticas Públicas

Daehoon Kim

A Coreia está dividida em Coreia do Sul e Coreia do Norte desde sua independência do Japão em 1945. Durante a Guerra da Coreia (1950–1953), as duas Coreias tiveram um grande número de mortes, e todo o país foi devastado. Nos últimos 50 anos, a Coreia do Sul e a Coreia do Norte vêm perpetuando sua histórica rivalidade militar e política, mantendo exércitos muito grandes para se defenderem uma da outra. A divisão da península e a história de confrontação militar estão inibindo o desenvolvimento político, econômico e social dos dois países e gerando um clima de medo para todo o povo coreano.

A ameaça de guerra persiste, embora nos últimos anos os governos das duas Coreias tenham feito tentativas de reduzir a tensão e encontrar uma solução pacífica para suas divergências, o que levou à reunião de cúpula sem precedentes de 15 de junho de 2000 e à Declaração Conjunta do Norte e do Sul.

Mais recentemente, o programa de desenvolvimento nuclear da Coreia do Norte e a suspeita de que possua armas nucleares levaram os Estados Unidos, em sua iniciativa mais importante sobre temas relativos à península, a imporem restrições políticas, econômicas e militares à Coreia do Norte. Essa situação de instabilidade tem criado incerteza na península. Em agosto de 2003, foi realizada a chamada Negociação das Seis Partes, entre as Coreias,

Estados Unidos, Japão, Rússia e China, para discutir formas possíveis de melhorar as relações Norte–Sul, porém essas negociações não tiveram nenhum efeito positivo visível.

Sociedade civil em ação

Por várias décadas, a sociedade civil sul-coreana vem denunciando o uso da confrontação militar entre as duas Coreias como uma tentativa de parte dos governos de se manterem indefinidamente no poder. Ao estimularem a cooperação e o entendimento mútuo, as ONGs da Coreia do Sul estão na linha de frente do movimento pela paz e reunificação das duas Coreias. Antes da década de 1990, esses esforços das ONGs estavam sujeitos a grandes pressões do governo de Seul, capital da Coreia do Sul. Porém, à proporção que a Coreia do Sul avançava no sentido de uma sociedade mais democrática, as principais tarefas das ONGs – redução das tensões e construção de uma situação pacífica e estável – tornaram-se problemas importantes para o governo solucionar.

Atualmente, a opinião pública sul-coreana está dividida em relação às políticas de Seul sobre a Coreia do Norte. Uma corrente de opinião está a favor da ideia de reduzir a tensão e resolver o conflito entre os dois países; a outra favorece a segurança militar e as alianças militares com os Estados Unidos. Essa divisão tem também influenciado, direta e indiretamente, a política de reconciliação e cooperação que existia antes da inclusão da Coreia do Norte no “eixo do mal” definido pela Casa Branca.

Ao mesmo tempo, a sociedade civil sul-coreana vem trabalhando duro para incluir os seguintes objetivos em sua agenda: estabelecer uma coexistência pacífica e reduzir os armamentos como meio de resolver as ameaças de guerra na península; exortar a comunidade internacional a resolver o problema nuclear do Norte; monitorar as políticas do governo de Seul e dos países vizinhos em relação à península; insistir para que as duas Coreias implementem o plano de ação assinado pelos dois países na reunião de cúpula; e promover intercâmbios entre os dois países como meio de fazer avançar o entendimento mútuo. As ONGs sul-coreanas estiveram envolvidas ativamente em atividades humanitárias para ajudar o povo norte-coreano, especialmente as crianças, que sofrem dificuldades econômicas. Finalmente, tem havido tentativas de alcançar um consenso no seio da sociedade civil para apresentar sugestões de políticas viáveis ao governo de Seul com respeito a Pyongyang, capital da Coreia do Norte.

A sociedade civil sul-coreana tem atualmente uma posição muito crítica sobre a decisão governamental de enviar 3 mil soldados para apoiar a guerra liderada pelos Estados Unidos no Iraque, e grandes manifestações de oposição à guerra foram realizadas em toda a Coreia do Sul. Acreditamos firmemente que não existe nenhuma razão para a guerra no Iraque, pois poderia aumentar as ameaças de guerra na península coreana.

Dívidas de cartão de crédito

A crise financeira de 1997–1999 revelou antigas debilidades do modelo de desenvolvimento do país, incluindo endividamento

elevado, empréstimos estrangeiros maciços e um setor financeiro indisciplinado. Embora o crescimento, liderado pelos gastos dos consumidores e pelas exportações, tivesse atingido 6,2% em 2002, a pobreza tornou-se um problema sério, como está explicado nos relatórios da Coreia do Sul publicados nas edições de 2001 e 2002 do *Social Watch*. Em 2001, o governo adotou uma política que garante a sobrevivência básica das pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza. Embora 10% da população seja composto de pobres, essa política só beneficia 3%. Isso é explicado pelos recursos inadequados alocados a esse projeto no orçamento e pela percepção negativa que as pessoas têm do sistema de assistência pública.

As consequências da crise ficaram claramente demonstradas nas manifestações maciças e violentas e nos chocantes suicídios de trabalhadores em 2003, como forma de protesto contra as condições de trabalho. Em 9 de novembro, uma manifestação de 40 mil sindicalistas encheu o centro de Seul, em protesto contra a legislação trabalhista repressiva do governo. Quando foram atacados pela polícia, trabalhadores responderam com coquetéis molotov e combate corpo-a-corpo. Outro motivo para os protestos foi a imolação em outubro de três pessoas, que, num gesto de desespero diante de seu infortúnio, cometeram suicídio, em incidentes separados, em outubro. O primeiro suicídio foi de Kim Joo-ik, ex-presidente do Sindicato das Indústrias Pesadas Hanjin, que se enforcou após permanecer 129 dias protestando em cima de um guindaste. No mesmo mês, outros dois trabalhadores se mataram em dias consecutivos.

A crise econômica também disparou por causa do número crescente de inadimplentes em cartões de crédito. Nos últimos cinco anos desde o início da crise econômica, o número de pessoas da Coreia do Sul

inadimplentes em seus cartões de crédito atingiu 4 milhões, numa população total de 48 milhões. Além disso, 10% da dívida atual de cartão de crédito do país está vencida há pelo menos um mês. Após o início da crise econômica, o governo adotou uma política de promover a emissão de cartões de crédito, para estimular a demanda interna. Em consequência disso, muitas pessoas contraíram dívidas imensas que não puderam pagar, e algumas abandonaram suas rotinas ou apelaram para a decisão extrema de cometer suicídio.

Em julho de 2003, quando a Federação Coreana de Bancos registrava o recorde histórico de 3,22 milhões de inadimplentes em cartões de crédito, na cidade de Incheon, uma mulher que lutava para pagar uma enorme dívida no seu cartão de crédito matou seus três filhos e cometeu suicídio. Se o governo não tomar medidas drásticas para restabelecer o crédito e apoiar as pessoas pobres, esses trágicos suicídios continuarão ocorrendo.

Acidentes e catástrofes naturais

Em fevereiro de 2003, num incêndio criminoso no metrô de Taegu, a terceira maior cidade da Coreia do Sul, 192 pessoas morreram e 147 ficaram feridas. O incendiário, que foi preso, não declarou nenhum motivo específico para ter cometido o crime, e seu ataque despertou grande temor entre cidadãos e cidadãs comuns de que mais atos dessa natureza pudessem voltar a ocorrer no futuro. No entanto, medidas governamentais para prevenir esse tipo de incidente ainda estão nas etapas iniciais.

O povo da Coreia do Sul não consegue se esquecer da série de grandes acidentes ocorridos no passado recente, como o desabamento de uma loja de departamentos em 1995, que causou muitas mortes e danos à propriedade.

Desastres naturais, como ciclones tropicais e tempestades de areia, têm causado destruição. O tufão Rusa, um dos mais fortes da história coreana, destruiu 650 navios e barcos no início de setembro de 2002 e infligiu danos graves aos criadouros de peixes e às instalações portuárias do país. Muitas cidades e vilas também foram devastadas. Os danos à propriedade atingiram US\$ 4,9 bilhões, dos quais somente US\$ 170 milhões estavam segurados.

Em março, abril e agosto de 2002, o país foi atingido pelas piores tempestades de areia da história recente. Foram registrados níveis recordes de concentração de poeira (a acumulação máxima chegou a 10 centímetros). As pessoas sofreram com doenças respiratórias e oftálmicas, escolas tiveram de ser fechadas, vôos foram cancelados, e a indústria sofreu perdas enormes. O tufão Maemi golpeou a Coreia do Sul em setembro de 2003, com ventos de 210 km/h e extensas inundações, que representaram quase US\$ 6 bilhões de perdas nos danos totais.

A resposta da sociedade civil

As ONGs sul-coreanas chamam a atenção do público para as calamidades causadas por esses desastres e monitoram as medidas de segurança em lugares públicos, tais como cinemas, lojas de departamento e lojas subterrâneas. Sempre que acontecem acidentes em grande escala, a sociedade civil e as ONGs estão ativamente envolvidas na ajuda humanitária e no levantamento de fundos para ajudar as vítimas. As ONGs têm estimulado o governo a tomar medidas preventivas, instalar um sistema eficiente para responder aos desastres, implementar regulamentos de segurança eficazes e alocar fundos suficientes para enfrentar acidentes dessa natureza. No entanto, o governo tem sido negligente em tomar essas providências. ■

Tabela 1 – Indicadores de Desenvolvimento Humano – 2003

Classificação de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano	2003	30
População total (milhões)	2001	47,1
População urbana (% do total)	2001	82,4
População com menos de 15 anos (% do total)	2001	20,6
População com mais de 65 anos (% do total)	2001	7,4
PIB (US\$ bilhões)	2001	422,2
PIB <i>per capita</i> (US\$)	2001	8.917
Pessoas adultas alfabetizadas (% para 15 anos e mais)	2001	97,9
População com acesso a fontes de água melhorada (%)	2000	92
População com acesso a saneamento adequado (%)	2000	63
Partos atendidos por pessoal de saúde qualificado (%)	1995–2001	100
Médicos(as) (por 100.000 habitantes)	1990–2002	173
Esperança de vida ao nascer (anos)	2000–2005	75,5
Mortalidade infantil (para cada 1.000 crianças nascidas vivas)	2001	5
Mortalidade de menores de 5 anos (para cada 1.000 crianças nascidas vivas)	2001	5
Mortalidade materna (para cada 100.000 crianças nascidas vivas)	1985–2001	20
Gastos públicos com educação (% do PIB)	1998–2000	3,8*
Gastos públicos com saúde (% do PIB)	2000	2,6
Gastos militares (% do PIB)	2001	2,8
Serviço total da dívida (% do PIB)	2001	6,2
Total das Forças Armadas (milhares)	2001	686
Índice Total das Forças Armadas (1985=100)	2001	115

Fonte: Pnud. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2003*.* cálculo preliminar da Unesco, sujeito a revisão posterior.